

MÁRCIA CRISTINA GOÑES DE PAIVA

MEMÓRIA DA ESCOLA MUNICIPAL DOUTOR CÍCERO  
PENNA

RIO DE JANEIRO  
2003

*Miguel*

Márcia Cristina Goães de Paiva

Memória da Escola Municipal Doutor Cícero Penna

O trabalho de monografia apresentado ao curso  
de Pedagogia do centro ciências humanas e  
educação da UNIRIO, como requisito para  
obtenção do grau de licenciatura Plena em Pedagogia,  
orientado pelo professor  
Dr. Miguel Angel de Barrenechea.

RIO DE JANEIRO  
2003

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
MARCIA CRISTINA GOÑES DE PAIVA

Memória da Escola Municipal Doutor Cícero Penna

Trabalho apresentado à disciplina  
Monografia II, como requisito de avaliação  
orientado pelo professor  
Dr. Miguel Angel de Barrenechea

RIO DE JANEIRO  
2003

UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

REITOR: PIETRO NOVELINO  
DECANO: LUIZ EDUARDO MARQUES DA SILVA  
CHEFE DO DEPARTAMENTO: GUARACIRA GOUVEIA DE SOUZA  
PROFESSOR: LIGIA MARTHA C. DA COSTA COELHO.

PAIVA, Márcia Cristina Goães de. *Memória da Escola Municipal Doutor Cícero Penna*.  
Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas, 2003, 54 p.

Paiva, Márcia Cristina Goães de.  
Memória da Escola Municipal Doutor Cícero Penna /  
Márcia Cristina Goães de Paiva - Rio de Janeiro, 2003, 64 f.

O trabalho de monografia apresentado ao curso de Pedagogia do centro ciências humanas e educação da UNIRIO, como requisito para obtenção do grau de licenciatura plena em Pedagogia, orientado pelo professor Dr. Miguel Angel de Barrenechea.

Título

1. Memória. 2. Saúde e Educação.

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto:  
que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas –  
mas que elas vão sempre mudando.

João Guimarães Rosa

DEDICATÓRIA:

Aos meus pais

Aos amigos da UNIRIO

A Daniel Rodrigues Pereira



## AGRADECIMENTOS

À professora Dayse Martins Hora.

Ao professor Miguel Angel de Barrenechea.

Aos amigos do Programa Escola de Paz, em especial Maria Inês.



# SUMÁRIO

ÍNDICE-----	PÁGINA
CAPÍTULO I	
Introdução-----	1
CAPÍTULO II -DEFINIÇÃO DE MEMÓRIA	
2.1-A questão da Memória nas Ciências Sociais-----	5
2.2-Distinção entre Memória Social e História-----	8
2.3-Memória no Contexto Escolar-----	9
CAPÍTULO III - A IMPLEMENTAÇÃO DA ESCOLA DOUTOR CÍCERO PENNA	
3.1-Situação Social na época da Implementação-----	11
3.2-As Propostas Administrativas do Ensino-----	14
3.3-Educação, Saúde e Higiene: o artigo e sua relação com o Cicerotama-----	17
CAPÍTULO IV - A TRAJETÓRIA DO DOUTOR CÍCERO PENNA	
4.1-Breve Histórico-----	19
4.2-Como surgiu a Escola Municipal Doutor Cícero Penna-----	20
CAPÍTULO V	
Considerações Finais-----	23
CAPÍTULO VI	
Referências Bibliográficas -----	28
ANEXO I-----	
ANEXO II-----	31
ANEXO III-----	35
ANEXO IV-----	37
ANEXO V-----	50

## CAPÍTULO - I

### INTRODUÇÃO

A Escola Municipal Doutor Cícero Penna está situada em uma casa na Avenida Atlântica, número 1976, no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro. Sua estrutura física está dividida em três pavimentos. No primeiro pavimento estão situadas as salas do diretor e do subdiretor, o refeitório, a sala de professores e o toailete dos mesmos. No segundo pavimento estão localizados as salas de aula e os toaletes dos alunos. No terceiro pavimento há uma sala de leitura e toaletes. Nas proximidades há prédios, cujos residentes são de elevado poder aquisitivo. Entretanto, os freqüentadores desse colégio não provêm do entorno citado, geralmente são oriundos de favelas existentes nas proximidades, ou então são filhos de pessoas que trabalham nos arredores.

Na parte pedagógica, esta escola trabalha com apenas um nível de ensino: o fundamental, que vai da 1ª a 8ª série.

A constatação da existência desta escola ocorreu-me durante a pesquisa desenvolvida na Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO), a partir do projeto “Serviços Auxiliares da Educação–relação Saúde/Educação/Pesquisa”, cuja responsável era a professora Dayse Martins Hora. Esta pesquisa foi iniciada em agosto de 2000 e encerrada em agosto de 2002. Ao longo desse trabalho fui analisando vários artigos do Boletim de Educação Pública, documento muito utilizado pelo Diretor de Instrução Pública da época. Este documento tinha por finalidade prestar contas de toda ação desenvolvida na área de educação. No Boletim de Educação Pública encontrei um relatório que me chamou a atenção: “Serviço de Educação de Saúde e Hygiene Escolar” (anexo I). Nele comentava-se a criação de escolas ao ar livre, que seriam usadas para tratamento de crianças com doenças infecto-contagiosas. Este artigo aludia, ainda, a um prédio que teria sido doado ao Distrito Federal

com a finalidade de se tornar uma escola ao ar livre e que, naquela ocasião, estava em obras e com a sua conclusão, se tornaria uma *escola de tratamento*<sup>1</sup>. Segundo o artigo este prédio, o Cicerotama, seria, no futuro, um modelo de referência no atendimento de crianças com doenças infecto-contagiosas, a ser implantado na década de 1930, na qual a pretensão dos dirigentes era a de concretização e ampliação deste tratamento a outras localidades. Neste procedimento sanitário seriam contempladas, também, as crianças que tinham carência alimentar e que freqüentavam as escolas públicas.

Esse prédio, segundo o artigo aludido, ficava localizado na Avenida Atlântica. Contudo, não há referência ao número para que se possa dizer que a casa do artigo – Cicerotama - e a Escola Municipal Doutor Cícero Penna, sejam o mesmo prédio, mas o que me levou a pensar nessa hipótese foram as coincidências de nome e local, isto é, a inscrição inicial “Cícero”, do nome do prédio Cicerotama, e o fato de estar localizado na Avenida Atlântica. Em virtude disso, fiquei interessada em saber se a proposta de assistência às crianças doentes foi implantada. Essa questão estimulou a minha curiosidade e a primeira atitude que tive foi fazer uma visita às dependências dessa instituição. Encontrei a subdiretora que pediu que voltasse outro dia, pois a diretora que trabalha ali há trinta anos, teria mais informações para fornecer. Assim, retornei no outro dia para conversar com a diretora, Professora Lilian Bruce Lages. Ela facilitou a entrega dos dados bibliográficos (anexo II), porém este documento era o único que a escola possuía, porque todo material anterior à década de 1960 foi perdido. Pelo fato de não terem informações, a equipe pedagógica decidiu em 2001, fazer um projeto visando reconstruir a memória da instituição. Segundo a diretora, todos (alunos e professores) estiveram envolvidos nesse intento. A culminância do empreendimento realizou-se expondo ao público os trabalhos, elaborados pelos alunos e professores. No dia da exposição, o senhor Aimone Camardella, que é muito amigo do

---

<sup>1</sup> As escolas de tratamento tinham a função de educar crianças, geralmente carentes, para a aquisição de hábitos higiênicos e tratamento de doenças.

Doutor Milton Penna (neto do doutor Theodorico Cícero Penna, dono da mansão que suponho ser a Escola Municipal Doutor Cícero Penna) esteve presente observando os trabalhos e deixou o número do seu telefone, caso alguém na escola se interessasse em fazer uma pesquisa sobre o antigo dono do prédio. Desta forma, a diretora me forneceu o telefone do senhor Aimone que por sua vez, me apresentou o doutor Milton Penna.

Vários fatores despertaram o meu interesse por esta pesquisa. São eles:

- A mansão não é o mesmo prédio. Ela foi doada e nesse local hoje, depois de reformas e novas construções temos a Escola Municipal Doutor Cícero Penna.
- O fato de uma instituição pública ficar sem dados de 1920 (momento de sua doação), até ser citada no artigo de 1932, o que perfaz um período de doze anos.
- De ter se tornado uma escola convencional de ensino primário, ao invés de Escola ao ar livre, que tinha como um dos objetivos ser coadjuvante no tratamento para crianças.
- O evento de inauguração da escola, em 1965, sem nenhum documento que testemunhe o que ocorreu anteriormente.

Estes fatores apresentados até o momento caracterizam meu objeto de estudo - A Escola Municipal Doutor Cícero Penna - e o problema que me mobiliza - o de reconstruir a memória dessa escola. Tenho como objetivo conhecer quando, como e sob quais circunstâncias foi criada a escola que, inicialmente, teve como diretriz a ideologia proposta na reformulação educacional, ocorrida na década de 1920, influenciada pelo movimento higienista, justificando e naturalizando a forma de pensar dos docentes, segundo as visões biomédicas. Esta ideologia pode ter condicionado as características da escola.

A pesquisa tem como mola mestra a reconstrução da memória da Escola Municipal Doutor Cícero Penna. Mediante a escassez de fontes de informações encontradas na escola foi necessário realizar uma entrevista com o doutor Milton Penna, pois os dados

que eu dispunha eram os levantados na Biblioteca Nacional e na pesquisa já citada sobre os Serviços de Educação.

Antes de analisar alguns marcos da memória da instituição em questão, faz-se necessário aludir o conceito de memória para que seu entendimento fique claro ao leitor. Pretendo também mostrar como a instituição escolar estava estruturada nas formas de pensar daquela época e o que isso influenciou na sua criação.

## CAPÍTULO - II

### 2.1 - A QUESTÃO DA MEMÓRIA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

A memória durante milênios foi concebida como algo estritamente individual, onde o sujeito era capaz de reproduzir ou recordar acontecimentos do passado<sup>3</sup>. No final do século XIX e início do século XX, essa forma de compreender a memória começa a sofrer alterações, a partir de estudos que procuram levar em conta as representações sociais, como uma forma mais abrangente de entender os processos mnemônicos:

As representações sociais são teorias sobre saberes populares e do senso comum, elaboradas e partilhadas coletivamente, com a finalidade de construir e interpretar o real. Por serem dinâmicas, levam os indivíduos a produzir comportamentos e interações com o meio, ações que, sem dúvida, modificam os dois.

(Oliveira e Werba, 1997, p.105).

Segundo Arno Wehling e Maria José Wehling (1997, p.15-17), existem quatro hipóteses que justificam a transição da memória individual para a coletiva, no campo teórico das ciências sociais:

- 1) Os movimentos migratórios gerados pela industrialização, ocasionando o esvaziamento dos campos e o abarrotamento das cidades que transmitiam a sensação de perda das tradições e particularidades mais queridas da cultura desses indivíduos, que estavam sendo deixados de lado. Assim o surgimento de um campo discursivo da memória social poderia corresponder a uma tentativa de recuperação do passado realizada pela consciência coletiva.*
- 2) A partir do contato com outras sociedades (expansão colonial), etnógrafos e antropólogos começam a se interessar pelo estudo das transições entre sociedades civilizadas e pré-civilizadas.*

---

<sup>3</sup> Essa tradição vem desde o platonismo (Platão acreditava que a memória era a faculdade da alma de retenção das impressões que levava ao processo de anamnese ou recordação) em que a memória do indivíduo esteve ligada a um passado vivido num momento metafísico, ou seja, vivido no campo das idéias, fora do tempo: na eternidade. Ver: Platão. *A república*. Lisboa: Calouste Goubelkian, 1992, livro X.

3) *A busca através da história, da sociologia ou antropologia de uma verdade que antes era exclusiva do método das ciências naturais.*

4) *Finalmente, a motivação filosófica que apontava para uma tentativa de compreensão radical da história do homem, rompendo em grande parte com as tradições metafísicas (platônicas) e positivistas.*

Maurice Halbwachs (1990, p.13) afirma que a memória coletiva concebe o problema da evocação e da localização das lembranças, tomando como ponto principal *os quadros sociais*, que servem de referência para a sua reconstrução, na qual evolui presentemente o grupo e o indivíduo que o atestam. Isto quer dizer que a memória é uma construção social, apesar de ser o sujeito quem lembra. O indivíduo e a definição de sua identidade constituem-se na constante reconstrução, no tempo presente, de suas lembranças. Situando-se no encontro de duas séries diferentes e por vezes divergentes: aquela que se atém aos aspectos do tempo presente, que provocam as lembranças e aquela que reconstrói o passado. Então, a memória individual configura-se a partir de diversos quadros do contexto, no qual o sujeito está engajado, ou seja, os círculos sociais dos quais faz parte. Ela resulta da combinação destes elementos representados por aquilo que chamamos de lembranças.

Assim, a consciência não está jamais fechada sobre si mesma, nem vazia, nem solitária. Somos arrastados em múltiplas direções, como se a lembrança fosse um ponto de referência que nos permitisse situar em meio à variação dos quadros sociais e da experiência coletiva histórica. Isto explica talvez por que razão, nos períodos de calma ou rigidez momentânea das “estruturas” sociais, a lembrança coletiva tem menos importância do que dentro dos períodos de tensão – e lá, às vezes, ela torna-se “mito”.

(Halbwachs, 1968, p.14).

A memória individual, aliada à sucessão de eventos pessoais, resulta de mudanças que se produzem em nossas relações com os grupos aos quais estamos inseridos. O indivíduo tem a sensação de estar se afastando de suas lembranças mais íntimas, causando a impressão

de se distanciar de fatos históricos familiares, nos quais se diferencia do ser íntimo devido a sua integração na sociedade.

Segundo Jô Gondar (1997, p.53), a memória exerce a função, dentro do campo social, de dar forma e conteúdo à identidade, seja ela de um povo, de um grupo ou de uma nação. O acesso dos indivíduos à memória é um fator fundamental para a transmissão da cultura e, portanto, para a permanente reconstrução social. Por se tratar de uma construção social e, como tal, eminentemente transformável, toma força, por outro lado, a idéia de que o passado deve ser preservado da degradação temporal e de que a tradição deve ser protegida do esquecimento.

Para Wehling e Wehling (1997, p. 17), o conceito de memória social ou coletiva apresenta três diferentes significados: social ou sociológico, cultural ou antropológico e histórico.

O significado social ou sociológico compreende a memória como uma visão tanto homogênea como conflitual do passado. Nela se “congelam” ou esquecem as tensões sociais e lutas, numa perspectiva de cooperação pacífica ou conflituosa dos grupos para afirmar a identidade da classe minoritária dentro da sociedade.

O conceito cultural ou antropológico trata da memória como o encontro de traços sociais distintos e do contexto individualista que marcaram a cultura ocidental, com seu tempo linear, cumulativo e homogeneizador característico do historicismo.

O ponto de vista histórico está ligado ao desenvolvimento da historiografia. A história pessoal estaria vinculada aos acontecimentos mais notáveis da vida social, aquilo que em algum momento foi vivido e acabou sendo ignorado e só foi reconhecida a sua importância bem mais tarde e acabava retornando ao indivíduo, de forma a introduzir em sua memória pontos de referência e divisões vindos do exterior. Esse conceito se apoiaria na



história vivida e não em uma sucessão cronológica que faz com que um período se distinga dos outros.

## 2.2 - DISTINÇÃO ENTRE MEMÓRIA SOCIAL E HISTÓRIA

A memória e a história se apropriam de um mesmo objeto de estudo (o passado de uma sociedade, cultura ou grupo), sendo que o fazem de maneiras diferentes. A memória constitui aquilo de essencial na identidade e legitimidade do grupo, se baseando na lembrança. Enquanto que para a memória o tempo é indefinido e simples, sem datas, para a história o tempo é preciso e definido, a partir de procedimentos cronológicos rigorosos que visam a marcação em datas dos fenômenos estudados.

A sociedade da memória é quase imóvel, a sociedade histórica é dinâmica. A sociedade, para a memória coletiva, é quase imóvel, porque as nuances e as complexidades foram ignoradas. (...) A sociedade da história, por sua vez, é dinâmica, mesmo que possua um ritmo lento de transformações, se comparada à nossa própria. Nela tudo interage e grupos, segmentos sociais e indivíduos são compostos e decompostos num movimento permanente.

(Wehling e Wehling, 1997, p.19)

A seleção dos fatos em história é feita por um grupo que simplifica, seleciona e omite determinados dados dentro de sua visão particular do assunto, para que se sobreponha uma ideologia que se deseja prevalecer. Segundo Edward Carr (1961, p. 14), *nem todos os fatos sobre o passado são fatos históricos, ou tratados como tal pelo historiador.*

A história relativiza os fatos, o seu estudo vai se situar em torno de uma questão ou problema. Entretanto, a memória tem o objetivo de consolidar a coesão grupal, a partir da definição de uma identidade fundadora da tradição do grupo, empenhado na manutenção deste processo.

A sociedade, para a memória coletiva, é quase imóvel, porque as nuances e as complexidades foram ignoradas para estabelecer e manter a coesão. Na história, a sociedade é dinâmica, mesmo que não ocorram constantemente transformações, nela tudo interage e grupos, segmentos sociais e indivíduos são compostos e decompostos num movimento permanente.

O espaço é um ponto importante para a memória, sem o qual ela não se desenvolveria. Para Halbwachs, o espaço é um quadro social por excelência, assim como a linguagem. Sem espaço, seja ele físico ou simbólico, não há articulação e transmissão da memória. Para a história o quadro espacial é apenas um referencial, dependendo das questões levantadas, não se aprofundam as análises e explicações sobre o tema.

### 2.3 - A MEMÓRIA NO CONTEXTO ESCOLAR

A escola é o local, por excelência, de transmissão dos conhecimentos acumulados pelo homem ao longo dos anos. É nesse espaço que a sociedade deposita confiança, pois acredita que o seu desenvolvimento se faz pela via educacional. Entretanto, é esta mesma sociedade que estipula que tipo de conhecimento deve ser ministrado nas escolas para que não confronte seus anseios, priorizando por isso uma visão de cultura em detrimento de outra. Muitas vezes utilizando como argumento para justificar o predomínio de uma ideologia dominante, afirma-se que a cultura popular não tem erudição e que as classes menos favorecidas precisam aprender de acordo com os seus moldes, procurando homogeneizar a cultura.

*(...) a função da escola é a de reprodutora da desigualdade social, com um caráter dominador; nela, o educador é um agente da ideologia dominante, ou seja, um mero funcionário das elites. Desta forma, por ser a sociedade impregnada de diferenças garantidas por um poder comprometido, a relação da*

*escola com ela é a de ser um aparelho ideológico do estado, destinado a perpetuar o "sistema".*

(Cortella, 2000, p.133)

A instituição escolar cumpriria, então, a função de projetar as idéias que a classe hegemônica deseja perpetuar, numa tentativa de uniformizar as culturas. Um exemplo, dessa ação escolar se vê nas idéias eugênicas<sup>3</sup> comuns no final do século XIX. A ideologia atua sob a ótica do esquecimento da cultura que o indivíduo traz de seu grupo, levando-o a crer que as idéias passadas pelo meio em que está convivendo é que são as autênticas, tentando manipular sua identidade. Neste sentido, Michael Pollak (1992, p. 201) afirma que a memória é algo relativamente íntimo e que é influenciado pelo coletivo. Mesmo que um sujeito não tenha pertencido a determinado grupo social, ele pode considerar alguns fatos históricos, como sendo parte de sua própria história, a partir do momento em que passa a conviver com outro grupo social diferente do seu, uma vez que começa a absorver os valores do grupo que está freqüentando, incorporando em sua memória os personagens de outra cultura. Assim, a memória desse grupo passa a fazer parte da identidade do indivíduo. E por ser a memória seletiva, o sujeito gravará na mente apenas aquilo que faz sentido na sua trajetória, pois as lembranças que traz do convívio familiar, aliadas às influências que sofreu durante toda sua vida irão dar um significado diferente, de suas lembranças. Portanto, só é gravado em sua mente aquilo que desperta o seu interesse e esquece alguns fatos que não o marcaram tão profundamente, facilitando por isso a apreensão de outras culturas. O esquecimento é, assim, fundamental para a criação e para a vida.

---

<sup>3</sup> O objetivo do eugenismo era impedir a reprodução dos que eram considerados "indesejáveis", prevenir a "degeneração" humana impedindo a multiplicação dos inaptos e favorecer a reprodução dos mais aptos, pois se considerava a mistura de raça um problema que afetava o desenvolvimento da nação.

## CAPÍTULO - III

### A IMPLEMENTAÇÃO DA ESCOLA DOUTOR CÍCERO PENNA

#### 3.1 SITUAÇÃO SOCIAL NA ÉPOCA DA IMPLEMENTAÇÃO

Na virada para o século XX, a sociedade brasileira ainda aspirava os ares da fazenda e do campo, e as cidades tinham aspecto de vilarejos da época da colônia. O Rio de Janeiro, capital da República, que desde a vinda da Família Real, era o centro político e econômico mais importante do país, tinha em 1910, um pouco mais de 900.000 habitantes. Dez anos depois a cidade contava com mais de um milhão de pessoas. O Rio de Janeiro, apesar de sua beleza natural, possuía becos, cortiços e muito lixo nas ruas, não havia rede de esgoto, o abastecimento de água era precário, as epidemias eram constantes e a população morria de febre amarela, cólera, tifo e tuberculose. A miséria e a pobreza, na qual sempre viveu a maior parte da população do Rio de Janeiro, favoreciam as epidemias. A situação chegou a tal ponto que companhias teatrais estrangeiras inteiras, que chegavam para se apresentar no recém inaugurado Teatro Municipal, eram contaminadas e dizimadas. No verão, quando os surtos epidêmicos aumentavam de intensidade, os mais abastados “fugiam” para suas casas de campo em Petrópolis (cidade serrana do Estado do Rio de Janeiro).

A precariedade das condições de vida da população daquela época provocou, nos líderes políticos, uma preocupação no sentido de mudar as condições de saúde e higiene, que afetavam a maioria das pessoas, principalmente as de baixa renda. Essa situação foi uma das conseqüências geradas pela crescente industrialização e a saída de indivíduos do campo para a cidade. Conforme essas pessoas se dirigiam para o Rio de Janeiro, encontravam-no em situação precária, pois não havia planejamento para comportar esses indivíduos, ocasionando o abarrotamento dos pólos urbanos. Por conseguinte, se agravavam cada vez mais as condições de vida e saúde da população. A situação social que se configurou urgia por

propostas que possibilitassem a superação da situação vigente. Sendo assim, os intelectuais dessa época tinham como meta a transformação da sociedade para que as condições higiênicas melhorassem. Para que conseguissem levar a cabo essa mudança social tiveram que sair em busca de informação, a fim de encontrar os caminhos necessários para essa mudança. Então, alguns desses *cientistas-intelectuais*<sup>4</sup> chegaram à conclusão de que não era só a falta de higiene o que afetava a população. Isso era apenas um dos problemas. O povo tampouco tinha instrução adequada para receber instruções básicas de higiene, pois o Brasil daquela época contava com mais de 70% da população analfabeta. Diante desse quadro, estes intelectuais assinalaram que o atraso da nação se devia à falta de um programa de educação. Essa conclusão aliada às idéias vindas do exterior, como a ideologia eugenista, determinou que a escola fosse difusora das regras de educação higiênica a partir de princípios que tinham como cunho central o “branqueamento”<sup>5</sup> da cultura. Porque não era só o problema de saúde que assolava a nação; havia um outro que “atrapalhava” o seu desenvolvimento: a questão da mistura de raças que incomodava a elite.

No dizer de alguns destes atores sociais, não possuíamos o desenvolvimento social de outras nações porque a localização geográfica do país, o calor e a miscigenação com raças inferiores tinham nos tornados incapazes e indolentes.

(Santos, 2001, p. 8).

O melhor local para que estas noções fossem divulgadas seria a escola. Entretanto, para isso era necessário que a educação se tornasse pública e gratuita e assim contemplar o maior número de indivíduos. Por isso, na década de 1920 à 1930 dá-se uma reformulação, no ensino, alterando inclusive as leis que o regiam. Segundo Lilian Valle (1997, p.95), para que o desenvolvimento de uma nova sociedade ocorra, há necessidade de

<sup>4</sup> Termo usado por Ricardo Augusto dos Santos em sua dissertação de mestrado “O plano de educação higiênica da Belisário Penna: Memória social, Discurso Médico e a Construção da Identidade Nacional”. UNIRIO, 2001.

<sup>5</sup> A teoria do “branqueamento” da raça teve muita difusão, no Brasil, na fase que vai do Império à Primeira Guerra Mundial. Pensava-se que, ao imigrarem branco ao Brasil, num curto espaço de tempo, iria diminuir a quantidade de negros e mestiços na população. Ver: AZEVEDO, Célia M.M. de. *Onda Negra, Medo Branco*. RJ: Paz e Terra, 1987; RODRIGUES, R.N. *Os Africanos no Brasil*. São Paulo: Cia.Ed. Nacional, 1977, entre outros.

se apropriar de dois instrumentos políticos imprescindíveis: a lei e a educação. A lei legitima os anseios que a classe em ascensão planeja, fazendo da escola o aparelho que influencia o cidadão para adaptá-lo ao meio, de acordo com as necessidades sociais. Esta idéia pode ser percebida num trecho do Decreto nº 2940 de 1928, que regulamenta o ensino, no período de Fernando de Azevedo como Diretor da Instrução Pública no Distrito Federal.

Art. 82 – A escola primaria será animada em todos os sentidos de um espirito claro de finalidade social e, como instituição que deve enquadrar-se no systema social geral, manterá íntimo contacto, tanto na sua estructura organica como na sua vida funcional, com a sociedade a que vae servir.

Paragrapho único – a escola primaria se organizará dentro do espirito de finalidade social:

- a) como vestibulo do meio social, para influir sobre elle, integrando as gerações na comunidade pela adaptação crescente ás necessidades do meio, prolongando sobre o lar a sua acção educativa e aparelhando-se para reagir sobre o ambiente, por um programma de educação moral que tenda ao desenvolvimento de qualidades e á reacção contra defeitos dominantes no meio social;
- b) como verdadeira escola de trabalho para fim educativo ou escola comunidade, em que se desenvolva o sentido da acção, o gosto do trabalho manual, o sentimento de cooperação e o espirito de solidariedade social;
- c) para attrahir e acolher, sem distincção alguma, creanças de todas as proviniencias e contribuir efficazmente para attenuar e quebrar o sentido isolador de diferenças sociaes, creadas pelas diferenças de situação econômica.

A escola, através dos professores, tinha o dever de passar essas noções higiênicas. Nestas instituições, segundo Santos (2001, p.25), a mulher deveria exercer o papel de mãe, professora e profissional de saúde e passou a ser considerada o alvo principal da estratégia médico-pedagógica. Ela deveria sofrer esta influência da infância até a maternidade. Daí surge a idéia de educar a criança para atingir a mãe e modificar, desta forma, seus procedimentos sanitários. Esse papel da mulher fica, também muito bem explicitado em outro trecho do decreto nº 2940 de 1928.

Art. 528 – A hygiene e a puericultura terão logar preponderante no ensino primário ministrado ás meninas das escolas publicas, afim de prepara-las á sua futura missão no lar.

A mulher, através do casamento, era peça fundamental na estruturação da sociedade. Ela tinha a responsabilidade de construir uma família que contribuísse para o progresso da sociedade através dos preceitos eugênicos. Tornava-se indispensável controlar a população para formar um “povo perfeito”. Com isso podemos perceber que esse foi o início de uma ideologia que até hoje faz parte do imaginário de nossa sociedade, ou seja, a mulher vista como a “rainha do lar”, cuja função eminente, essencial, seria doméstica, restrita aos cuidados da casa e da família.

### 3.2 - AS PROPOSTAS ADMINISTRATIVAS DO ENSINO

Em 1903, se tem conhecimento do primeiro sistema brasileiro oficial de saúde ligado à educação, introduzido por Pereira Passos, no decreto de “Assistência Médica ao Escolar”, diretamente ligado, então, como órgão à secretaria de educação no Distrito Federal. No entanto só em 1910 (no Decreto 778 de 09/05/1910), que se instalou o Serviço de Saúde Pública junto ao processo ensino-aprendizagem, pelo então prefeito General Serzedelo Correia. Nessa época, esse serviço não tinha ainda a função de controle da saúde da criança idade em escolar. A função do serviço era apenas a profilaxia das doenças, atuando no sentido de assistir e prevenir problemas físicos dentro do modelo higienista. Em 1916, esse serviço passou a receber outra denominação, Serviço Médico Escolar, e funcionava no mesmo molde que o anterior, só que agora passava a ter função de controle, atuando direto na escola de ensino primário, secundário, profissional e na escola normal.

Na década de 1920, esse serviço passou por uma reforma devido à colaboração dos cientistas<sup>6</sup> desse período, que se embrenharam pelo interior do país, onde encontraram uma

---

<sup>6</sup> Os cientistas eram intelectuais que recebiam esse nome porque nesse período havia uma defasagem educacional e qualquer pessoa que chegasse à graduação já era tido como possuidor de grande saber, por isso nesse grupo era comum ver médicos, engenheiros e também professores recebendo o título “Cientista-intelectual”. Ver: SANTOS, Ricardo Augusto dos em sua

população na extrema miséria e sem a menor noção de higiene, situação diferente do que os intelectuais tentavam expor nos textos que exaltavam o Brasil. Verificou-se, dessa forma, que a população precisava ser educada e o modelo que estava em voga naquele momento era o higienista, mas para isso a educação precisava se tornar pública e assim abranger uma maior parcela da população. No projeto “Serviços Auxiliares da Educação–relação Saúde/Educação/Pesquisa” realizado na UNIRIO, com a Professora/Doutora Dayse Martins Hora, verificou-se que no final da década de 1920 mais precisamente em 1927, quando Fernando de Azevedo assumiu a função de Diretor Geral de Instrução Pública, sua preocupação específica era desenvolver o que ele denominou de “Instituições Auxiliares de Ensino”. Estas instituições perfaziam um total de sete, sendo que a sétima instituição, a “Hygiene Physica do Alumno e da Hygiene Escolar”, adquiriu um grau de importância tão elevado que, na lei elaborada em sua época, essa instituição recebia um capítulo à parte.

1. BOLETIM DE EDUCAÇÃO PUBLICA <sup>7</sup>;
2. LITERATURA PEDAGOGICA;
3. BIBLIOTHECA E MUSEUS ESCOLARES;
4. CINEMA ESCOLAR E RADIO;
5. ESCOTISMO;
6. DO INTERCAMBIO INTERESTADUAL E INTERNACIONAL ESCOLAR
7. HYGIENE PHYSICA DO ALUMNO E DA HYGIENE ESCOLAR.<sup>8</sup>

Com a entrada de Anísio Teixeira na Diretoria Geral de Instrução Pública, a *Hygiene Physica do Alumno e da Hygiene Escolar* passou a integrar o chamado Serviço Técnicos e se configurou no Serviço de Educação e Hygiene Escolar.

Decreto nº 3763, de 1º de fevereiro de 1932

Art.2º A Directoria Geral de Instrução compreenderá os seguintes Serviços Technicos:

- a) Matricula e frequência escolares;
- b) Classificação e promoção de alumnos;
- c) Programmas escolares;
- d) Obras sociaes escolares, peri-escolares e post-escolares;

---

dissertação de mestrado “O plano de educação higiênica da Belisário Penna: Memória social, Discurso Médico e a Construção da Identidade Nacional”, UNIRIO, 2001, p.2.

<sup>7</sup> As palavras utilizadas foram copiadas da mesma forma que estavam no decreto original.

<sup>8</sup> Esses serviços foram encontrados no Decreto n.º 3281 de 19 de março de 1932.



- e) Educação de saúde e hygiene escolar;
- f) Educação physica;
- g) Musica e canto orpheonico;
- h) Ensino secundario geral e profissional;
- i) Prédios e aparelhamentos escolares;
- j) Estatística e cadastro;
- k) Expediente e publicidade administrativa;
- l) Pessoal e archivo;
- m) Contabilidade;

No trabalho, já citado anteriormente, o grupo detectou que o Serviço de Educação de Saúde e Higiene Escolar foi um órgão que contribuiu na construção da hegemonia da racionalidade médica nos currículos da formação do professor primário, naturalizando a forma de pensar dos docentes, segundo as visões biomédicas, justificando, dessa forma, o fracasso escolar como um problema de ordem médica. Através da educação, o professor divulgaria essas visões e atuaria como difusor dos programas higienistas. Por isso, a formação desse profissional passou a ter um vasto conjunto de disciplinas relacionadas à saúde (Biologia Educacional, Higiene Escolar, Anatomia e Fisiologia, Puericultura etc), que passaram a fazer parte do currículo escolar, demonstrando uma valorização do papel desse profissional na sociedade. Nesse período se detecta a presença cada vez maior de moças desejando tornar-se professoras, devido à necessidade financeira que muitas famílias padeciam. Como se observa ainda hoje, muitos estudantes procuram um ensino voltado para a profissionalização, pois querem entrar logo no mercado de trabalho, ajudando o orçamento familiar. Não foi por acaso que isso se deu, havia toda uma ideologia que foi sendo construída no início do século XX. Para que se possa entender o sentido da reforma que ampliou tanto o currículo escolar, até mesmo o sobrecarregou de cunho biomédico, precisamos compreender como era o acesso à escola normal. Inicialmente, para se tornar professor bastava apenas ter o curso primário, exigindo do aspirante a docente, apenas, noções básicas para sua formação. Então, como passar as noções pretendidas ao povo quando eles próprios, os professores, ainda não as detinham? Foi necessário fazê-los participar de

capacitações ou mesmo contratar pessoas especializadas para que adquirissem tal prática. Os professores precisavam desenvolver tais conhecimentos, tanto para adquirir autonomia, como para que o diretor de instrução pública ficasse com a função somente de administrar o ensino.

Uma atitude muito comum, nesse período, era a participação tanto de professores como médicos para se efetivar a higiene dentro do meio escolar. A inspeção geralmente era feita pelo inspetor médico, e isso não significa que o professor não fizesse inspeção, pelo contrário, a todo instante se verificava essa atuação do docente. Alguns professores, inclusive, teriam sido contratados por terem diplomas em medicina.

Não sendo ainda possível instalar centros de diagnósticos, onde os alunos possam ser examinados com todos os rigores de técnica, este Serviço propoz como medida de emergência, de logo aceita, que alguns professores de escolas municipais, também diplomadas em medicina, fossem aproveitados neste último carácter, devendo prestar serviço affectivo durante três horas diárias, no mínimo, como auxiliares dos inspectores médicos-escolares, principalmente nos districtos que se acham dotados de facilidades de tratamento dos alumnos, afim de que, pelos exames systematicos de grande numero de crianças, fossem em tempo corrigidos os efeitos encontrados.

Relatório do Doutor Massillon Saboia

O inspetor médico tinha a função de conferir se o objetivo estava sendo alcançado. Essa atuação do inspetor médico se convencionou chamar de “conferência”. Consistia em auxiliar, e até mesmo verificar, se a educação sanitária estava sendo efetivada. O cotidiano escolar era de tal forma controlado que se assemelhava ao ambiente militar. O terreno estava sendo preparado, sutilmente, para futuras mudanças.

### 3.3 – EDUCAÇÃO, SAÚDE E HIGIENE: O ARTIGO E SUA RELAÇÃO COM O CICEROTAMA

O artigo “Serviço de Educação de Saúde e Hygiene Escolar” que originou o presente estudo é um extrato do relatório apresentado ao Diretor Geral de Instrução Pública, prestando contas do trabalho executado no período de março a agosto do ano de 1932 pelo Inspetor Médico, Dr. Massillon de Sabóia, que passou a ocupar o cargo de Diretor Geral de

Assistência Pública Municipal. Neste relatório, são mencionados alguns preventórios e sanatórios que teriam a função de corrigir defeitos de higiene e prevenir certas infecções, sendo utilizados, inclusive, como clínica de nutrição cuidando para que o escolar tivesse noção da combinação adequada dos alimentos e a quantidade ideal de calorias diárias. Comenta também a criação de uma escola ao ar livre, a ser implantada num prédio doado ao Distrito Federal (o Cicerotama).

Já se encontra em obras, como sabeis, o prédio Cicerotama na Av. Atlântica, doado para a instalação de uma escola ao ar livre e que, embora, em rigos, não seja apropriado para tal fim, oferece contudo algumas vantagens, podendo as crianças permanecerem na praia a maior parte do tempo ou abrigadas em barracas.

Relatório do doutor Massillon Sabóia.

Nesse lugar, as crianças permaneceriam por algumas horas para praticar exercícios, tomar banho de sol e mar e receber alimentação suplementar. O objetivo era cuidar daquelas crianças que tivessem doenças ligadas aos brônquios. Isso fica claro no Decreto nº 2940 de 1928, num capítulo destinado às escolas ao ar livre:

Art. 534 – Serão indicados pelo inspectores médicos de cada districto, para freqüentarem esses estabelecimentos ou nelles serem internados, os alumnos de constituição débil ou depauperados.

Paragrapho único – terão preferênciã os portadores de adenopathias tracheo-bronchicas, descendentes de tuberculosos ou predispostos a essa moléstia.

Esta futura escola iria funcionar como um misto de tratamento e campo de recreio, cujos freqüentadores seriam também crianças subnutridas, habitantes de cômodos insalubres e sem espaço para jogos e brincadeiras.

## CAPÍTULO - IV

### A TRAJETÓRIA DO DOUTOR CÍCERO PENNA

#### 4.1 - Breve Histórico

O Dr. Theodorico Cícero Penna era o que hoje conhecemos como médico generalista, pois naquela época não existia ainda a figura do médico especialista. Preocupou-se com os problemas da saúde infantil. Por ser o único médico de Copacabana cuidava de todas as pessoas, atendendo desde o mais pobre até a alta sociedade da localidade. Era um homem que gostava de salões, freqüentando e organizando festas, tendo, inclusive, contribuído para a vinda de Henrique Caruso ao Rio de Janeiro para cantar no Teatro Municipal. Embora fosse uma pessoa ligada às festas, era extremamente rigoroso com os filhos. Além de Clínico Geral foi também fazendeiro, empreendedor e empresário. Em sua fazenda, na Ilha de Marajó, criava búfalos e na Amazônia explorava a borracha, sendo esta última atividade que lhe dava maior lucro. Ele foi muito ativo, só aqui no Rio de Janeiro possuía dezoito fazendas, sendo também uma pessoa extremamente preservacionista, tendo isolado um trecho de Copacabana, que hoje é chamado de Chacrinha (localizado próximo a estação do metrô da Praça Cardeal Arco Verde). Nasceu em Belém do Pará, em 6 de dezembro de 1856, vindo a falecer em 1920, exatamente no mesmo dia em que nasceu. Um jornal da época comunicou o fato da seguinte forma:

Falleceu hontem, às 8 horas e 30 minutos da manhã, depois de longo padecimento, o capitalista Dr. Cícero Penna, estimado no seio da nossa sociedade.

O seu enterramento effectua-se hoje, rua Santa Sophia nº 42, Tijuca, para o cemitério de São João Baptista.

A viúva, filhos, genros, noras e netos do Dr. Cícero Penna participam seu falecimento e convidam seus parentes, amigos e pessoas de suas relações para o enterramento, que terá logar no cemitério, São João Baptista, hoje ás 10 horas, saindo o cortejo da rua Santa Sophia.

(Correio da Manhã, 7 de dezembro de 1920, p.5 e 8)

O Dr. Cícero casou-se duas vezes. Seu primeiro casamento foi com dona Arcelina, que morreu de parto do sexto filho. Com a sua morte, o Dr. Cícero resolveu voltar a contrair matrimônio, mandando buscar dona Francisca, irmã de sua primeira esposa. Essa história é muito interessante; naquela época os casamentos eram arranjados pelo pai e ele foi visitar a família Ferreira para pedir em casamento a dona Francisca, que era a filha mais velha e acabou se apaixonando pela mais moça, D. Arcelina. Ele teve ao todo dez filhos, seis do primeiro casamento e quatro do segundo. Todos os filhos tiveram uma educação refinada, indo estudar na Europa, graças aos dividendos alcançados com a exportação da borracha. Quando não estavam na Europa, seus filhos passavam as férias aqui, na praia ou dando alimentos aos socós<sup>10</sup> que ficavam no que é hoje a chacinha atrás da Praça Cardeal Arco Verde.

Cícero Penna era muito habilidoso no trato com as pessoas, pois diferenciava seu tratamento de acordo com a classe social ao qual o sujeito pertencia. Com os pescadores, era extremamente generoso, dava canoas de presente, redes, fornecia remédios e fazia partos sem nada receber; daqueles que tinham dinheiro cobrava consultas. Ele investiu esse dinheiro em uma série de instituições, por exemplo, um preventório contra cegueira, em Paquetá, para tratar crianças portadoras desse mal. Depois de sua morte, passou a pertencer ao Departamento de Saúde e Higiene Escolar. O nome desse local era Ataulfo de Paiva, em virtude de ter sido um membro da Academia Brasileira de Letras e grande amigo do doutor Cícero.

#### 4.1 - COMO SURTIU A ESCOLA MUNICIPAL DOUTOR CÍCERO PENNA

Em 1912, o doutor Penna construiu, na Avenida Atlântica o palacete Cicerotama, que custou 96 contos de réis. Cicerotama quer dizer em tupi guarani casa de Cícero. Na casa

---

<sup>10</sup> Socó Sm. Bras. Certa ave ribeirinha – FERREIRA, Aurélio B. H. *Minidicionário da Língua Portuguesa*, [et al], Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

havia duas escadarias de subida que formavam um “C”, na parte de cima, como era costume da época, ficavam os donos, os pais, e os filhos moravam embaixo para não rolar as escadas. Não havia muros ao redor da casa, então as carruagens entravam e paravam nas escadarias, onde os convidados subiam. A rua lateral próxima dessa mansão chamava-se 19 de fevereiro, atualmente República do Peru, hoje a rua 19 de fevereiro fica em Botafogo. O doutor Cícero morreu de câncer no estômago e, quando ainda agonizava na cama, viu pela porta entreaberta, alguns genros experimentando seus fraques e casacas, no momento em que decidiam quem iria ficar com os seus pertences. Isso então o magoou muito. Sendo assim, decidiu alterar todo o testamento que havia feito, deixando uma parte do que possuía para os filhos em situação irrevogável, para que os genros não se apropriassem dos imóveis, e a outra parte foi doada ao Distrito Federal. Segundo o relato feito pelo Doutor Milton Penna esse foi o motivo pelo qual fez as doações de vários imóveis à Prefeitura.

Na gestão do então Prefeito Carlos Lacerda - na década de 1960 - este imóvel foi demolido. Ele aproveitou as férias escolares do mês de Dezembro, e construiu esse prédio que existe até hoje no local, com 11 salas de aula, sendo essa quantidade bem menor que a que tinha anteriormente, inclusive em uma parte da antiga casa havia quadros valiosos que, segundo o Doutor Milton Penna (neto do Doutor Cícero Penna), os políticos distribuíram entre si. O pior disso tudo, foi que ao se reconstruir o prédio, ao invés de ser feito um local destinado a trabalhos escolares, os políticos o alugaram para a Embaixada de Cuba. Procederam da mesma forma com relação ao preventório Ataulfo de Paiva, conhecido hoje como D. Amélia, em Paquetá<sup>10</sup>, alugaram para o turismo, se apropriando do aluguel. No tempo em que o Cicerotama estava sendo alugado para a embaixada, a família entrou com uma ação judicial, pois a proposta do doutor Cícero Penna era transformá-la em escola

---

<sup>10</sup> Esse preventório era do Doutor Cícero Penna e ele utilizava para cuidar de crianças carentes e, segundo o Doutor Milton Penna, já pertencia ao Departamento de Saúde e Higiene Escolar. Acredito que a prefeitura teve apenas a preocupação de trocar de nome.

pública, o que não estava sendo respeitado pela prefeitura. A família ganhou na justiça. No entanto, os políticos não foram fiéis a essa proposta, utilizando o espaço como um preventório. Novamente a família entrou com uma ação judicial, impedindo essa utilização do local. O processo correu até a década de 1960, quando fundou-se no edifício a Escola Municipal Doutor Cícero Penna. Segundo a Dona Lílian Bruce, diretora da Escola Municipal Doutor Cícero Penna, ainda hoje a família briga pela posse da casa.

## CAPÍTULO - V

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações obtidas sobre a vida do doutor Theodorico Cícero Penna e de seu palacete baseiam-se nas lembranças do doutor Milton Penna, que é neto do doutor Cícero e tem 76 anos. Ele conta sua história, ou melhor, a história de sua família com uma riqueza de detalhes que chegam a impressionar. Uma delas é a recordação de sua infância quando, comenta o percurso que fazia de casa até o local em que recebia tratamento de seu pediatra, o doutor Sabóia<sup>11</sup>, que criou um local (o solário) onde cuidava de crianças que tinham catapora, sarampo e toda as doenças infantis que conhecemos. Esta prática, comum no período era denominada de helioterapia. O doutor Milton Penna freqüentou na infância esse espaço, na época ele tinha três anos de idade e havia tido crise de sarampo depois catapora, coqueluche e etc:

“Lembro-me que para chegar ao solário tínhamos que pegar o bonde que saía da praça General Osório com destino ao Leblon e havia também uma outra linha que saía de Ipanema ao Leblon, mas esse era circular e saía da praça Vinte de Novembro nas proximidades do canal da Lagoa Rodrigo de Freitas. O bonde só podia trafegar quando a luz estivesse verde, o que significava que estava seguindo em direção ao Leblon, quando voltava para a praça General Osório a luz vermelha era acionada e para se viajar nele, se pagava cem contos de réis. No solário quando chegávamos ficava uma enfermeira, que era alemã, esperando para passar óleo de coco no nosso corpo, esse óleo era da banha do coco e funcionava como filtro solar para evitar a queimadura e tinha função de evitar também o que conhecemos hoje como câncer de pele. Logo depois que passávamos o óleo, ficamos expostos ao sol e em seguida íamos para uma piscina, com a supervisão do Dr. Sabóia para se aprender a nadar, e depois da piscina era oferecido um lanche farto e descansávamos, perto do meio dia as mães vinham buscar e levar as crianças para casa.”

Entrevista realizada com doutor Milton no dia 05 de julho de 2002.

O doutor Milton Penna se recorda com riqueza de detalhes, porque todos os fatos citados tiveram importância dentro do grupo social a que pertencia, pois toda criança tem como referência a família como sendo o primeiro grupo social do qual faz parte, porque é nela que tais recordações se reconstruirão. Halbwachs (1990, p.39) admite que a criança se lembra, porque é no quadro familiar que a imagem se situa e desde o início ela estava ali inserida. O episódio da morte, por exemplo, marcou essa família e deixou as imagens daquele

---

<sup>11</sup> O Doutor Massillon Sabóia foi Inspetor Médico escolar que atuou na década de 1930.



momento nas mentes de seus membros e que acabaram sendo passadas de geração para geração. E os idosos por terem presenciado a história mais de perto se constituíram em perpetuadores dessas recordações e, como assinala Halbwachs (1990, p. 65-70), pelo fato de estarem em casa descansando por terem trabalhado a vida inteira, passam a maior parte do tempo recordando o passado, por isso são os que mais têm contato com as crianças enquanto os pais trabalham. É desta interação que as crianças recebem os costumes de sua família. As crianças ouvem todos os episódios, mas ainda não se dão conta da importância desses assuntos, permanecendo assim até que outro episódio as estimule a manter essas tradições vivas em sua memória.

É esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória. Se no início ela não distinguiu esse quadro e os estados de consciência que ali se desenrolam, é bem verdade que pouco a pouco, a separação entre seu pequeno mundo interior e a sociedade que a envolve se operará em seu espírito.

(Halbwachs, 1990, p.71)

Essas lembranças se mantêm vivas na memória do doutor Milton Penna porque esses fatos que afetaram os membros que nela vivem, por exemplo, a utilização do espaço de forma inadequada e a modificação deste mesmo espaço, além da morte de um de seus integrantes, já citado, marcaram o imaginário da família, e os mais idosos foram carregando isso em sua memória, e por disporem de mais tempo acabam transmitindo o seu conhecimento à pessoa que estivesse mais próxima, ou melhor, a quem pudesse ter tempo de escutar suas lembranças, nesse caso as crianças. E devido a essa contribuição dos idosos, essas lembranças se mantêm na mente de cada integrante da família regulando seus pensamentos pela sucessão de imagens que representam ou representaram esse espaço para eles. É por isso que esse grupo segundo, Halbwachs (1990, p.137), procura e tenta, em parte, encontrar seu equilíbrio antigo sob novas condições. Tenta se manter ou se adaptar a um

espaço ou rua que não existe mais, porém, para ele, na sua memória, está presente o terreno que já foi seu.

E até hoje esse grupo não se conforma do prefeito Carlos Lacerda ter demolido a estrutura física do local, mobilizando-os a lutar para, pelo menos, manter viva a memória de um local que um dia foi de sua família, e o fazem pela via judicial ou, como o próprio doutor Milton está tentando fazer, resgatando a memória do bairro, para talvez preservar as tradições familiares, porque é um homem que embora tenha uma idade avançada se mantém ativo no trabalho e não tem muito descanso<sup>12</sup>, talvez por não ter tempo de passar todo o seu conhecimento para os netos, é que precise tanto passá-los a alguém.

O doutor Cícero viveu num momento em que a ideologia eugênica vinha se expandido nos países capitalistas, provavelmente tomou contato com tais idéias, pois era médico e nessa época as pessoas envolvidas na área biomédica participavam ativamente como difusoras de tais idéias, isso deve ter colaborado em sua decisão de doar a casa, mesmo sem se dar conta disso. O seu desejo era fazer uma escola, onde provavelmente seriam passadas noções eugênicas, pois sua formação, profissão e atuação como médico contribuiu para que as coisas caminhassem nesse sentido. Como citado anteriormente, a ideologia eugênica, predominava naquele período e justificava-se, através de um discurso higiênico, a posição das classes superiores e médias, que começavam a ver-se ameaçadas pela agitação igualitária socialista, na qual tentavam provar que eram geneticamente superiores às classes baixas. Aqui, no Brasil, essa ideologia quis produzir uma família capaz de formar cidadãos individualizados, domesticados e colocados à disposição do projeto político das novas elites. Para os novos grupos dirigentes, o controle higiênico tinha uma missão “civilizatória” da nação. O que se pretendeu incorporar no dia-a-dia do sujeito era a reflexão sobre a higiene infantil, os hábitos e costumes populares, a eugenia ou o ideal de “branqueamento” da cultura

---

<sup>12</sup> No dia em que a entrevista foi feita (05/07/2002), o Doutor Milton iria receber uma homenagem da Cruz Vermelha.

do povo brasileiro. O objetivo do eugenismo era impedir a reprodução dos que considerava indesejáveis, prevenir ou impedir a multiplicação dos inaptos e favorecer a reprodução dos considerados mais aptos. Os inaptos eram as “populações inferiores” - escravos, negros, mestiços, vagabundos, capoeiras, ciganos e os débeis, e a eles era destinada a culpa do Brasil ser subdesenvolvido. Por isso, a mulher teve um papel importante para que a nação diminuísse a mistura racial existente, justificado também pelos casamentos eugênicos, numa tentativa de se desenvolver uma “raça superior” igual aos moldes europeus, a fim de que essa nação começasse a crescer.

Esse pensamento até hoje faz parte de algumas mentes, onde se considera os negros e mestiços como sujos, porcos, preguiçosos e ladrões. Quando sabemos que isso é um absurdo e a índole da pessoa não se demonstra pela cor da pele, nem pelo sexo.

A ação do doutor Cícero Penna talvez possa ser justificada pela revolta de ter presenciado em seu quarto, no momento em que agoniza na cama, a cena da disputa de seus pertences pelos genros. Mas, o fato é que ele era um homem burguês e por isso foi influenciado por esta ideologia que pode ter movido sua ação, mesmo motivada por um rancor, para aquilo que, mesmo ingenuamente, considerava correto naquele momento.

Nesta pesquisa a minha principal preocupação foi reconstruir a memória dessa instituição, aludi a ideologia desse período para que o leitor possa entender as idéias que influenciavam a classe dominante, e o que isso influenciou na decisão do doutor Cícero Penna, sem, no entanto, aprofundar nessas ideologias, o que não está em foco, neste trabalho. Os políticos tinham a explícita intenção de fazer desse espaço um local de perpetuação das ideologias que estavam em voga, entretanto, não obtiveram êxito pelo fato da família ser constituída por pessoas que se preocupavam com a transmissão de sua cultura numa tentativa de manter viva sua identidade. O próprio doutor Milton Penna tem uma meta de reconstruir a memória do bairro (Copacabana), e quer fazer isso junto a uma universidade que o ajude.

Como a Escola Municipal Doutor Cícero Penna foi, em princípio, uma embaixada e depois um local de tratamento de doentes, não houve uma proposta pedagógica em tal período para que pudesse analisar as supostas ideologias que teriam implementado sua criação.

Inicialmente, o meu propósito era, além do já mencionado, analisar a proposta pedagógica que supostamente teria regido essa escola no período compreendido entre 1920 a 1960, mas devido à escassez de informações e a utilização do prédio em função diferente daquilo que conhecemos como escola, houve uma alteração nesse estudo permitindo apenas reconstituir sua memória, pois o palacete só se tornou de fato uma instituição escolar em 1965. Isto torna impossível analisar uma proposta pedagógica e ideológica que não ocorreu. No projeto inicial as entrevistas iriam se realizar de três maneiras: uma entrevista com o doutor Milton (neto do Cícero Penna), outra com o funcionário mais antigo desse local e outra com um morador antigo. Entretanto, as limitações do trabalho monográfico, principalmente, no que se refere ao tempo, impediu a realização das entrevistas que complementariedade este trabalho. Contudo, o material aqui analisado permite uma importante aproximação inicial à memória da Escola Municipal Doutor Cícero Penna, esclarecendo as principais mudanças que sofreu essa instituição, até chegar e sua configuração atual.

## CAPÍTULO - VI

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOSI**, Eclea, *Memória e Sociedade*, São Paulo: T. A. Queiroz, 1979, pág. 6 a 28.
- BRASIL**. *Decreto nº 2940 de 22 de novembro de 1928*. Regulamenta o ensino e dispõe sobre sua organização, D. F., Rio de Janeiro, n. 40, p.167-289, 29 de novembro de 1928.
- CARR**, Edward H., *Que é história?* Conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E.H. Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961; tradução de Lucia Mauricio de Alvarergera, revisão técnica de Maria Yedda Linhares, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª edição, 1982.
- CELESTINO**, Jussara Garcia. *Instituição de um valor: a saúde na escola*. 1998. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento), Centro de Ciências Humanas, UNIRIO, 1998.
- COSTA**, Nilson do Rosário, *Estado, Educação e Saúde: a higiene da vida cotidiana*. *CADERNO CEDES*, São Paulo, Cortez/CEDES, n.4,1985.
- COSTA**, I.T.M. e **GONDAR**, J (Org.) *Memória e Espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- COTRIM**, G. V. *História do Brasil: para uma geração consciente*. São Paulo: Saraiva, 1986.
- GONDAR**, J. *O esquecimento como crise do social*, In: WEHLING, Arno; WEHLING, Maria J., *Memória Social e Documento: Uma abordagem Interdisciplinar*. UNIRIO, RJ, Mestrado Memória e Documento, 1997, p.53-62.
- HALBWACHS**, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- LEMOS**, M.T.B. e **MORAES**, N.A. (Org.) *Memória, Identidade e Representação*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- LEMOS**, M.T.B. e **MORAES**, N.A. (Org.) *Memória e Identidade*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.



UNI-RIO

Universidade do Rio de Janeiro

**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA  
DISCIPLINA : MONOGRAFIA II**

**ALUNO(A) :** Márcia Cristina Gonçalves de Paiva

**TÍTULO DO TRABALHO MONOGRÁFICO :** Memória da Escola  
Municipal Doutor Cícero Penna

**ORIENTADOR :** Higuel Angel de Barrenechea

**FICHA DE AVALIAÇÃO FINAL**

**Primeiro avaliador :** **Professor convidado**

**Professor:** Dayse Martins Hora


**Nota :** 9,0 (nove)

**Considerações Finais:**

O trabalho revelou empenho na busca de fontes primárias, resgatando um período de produções públicas médico-sanitárias antedatas nas concepções higienistas e eugénistas. É uma contribuição sobre a associação entre práticas de saúde e educação.  
Muffa

# Declaração

Declaro, para os devidos fins,  
que a aluna Márcia Cristina  
Gomes de Paiva, minha orientanda  
de Monografia, do curso de Pedago-  
gia de UNIRIO, apresentou  
o trabalho monográfico "Memória  
da Escola Dr. Cícero Penna", que  
considero satisfatória. A aluna  
analisou a Memória dessa Escola,  
de Copacabana (RJ), vinculada às  
teorias higienistas de início do  
século. O conteúdo é adequado,  
outorgo a nota 9 (nove).

  
Miguel Angel de Barros  
RJ, 14104103

**RESULTADO FINAL**

Avaliador 1	Avaliador 2	Avaliador 3	Pontos	Nota final
9,0	9,0	9,0	27,0	9,0

Rio de Janeiro, março de 2003

*Jelly*

A aluna apresentou um trabalho interessante, de resgate de memória. No entanto, em termos formais, faltaram alguns elementos/acabamentos importantes que - contudo - não prejudicam o corpo do texto.

9,0 *Jelly*



- LOURENÇO FILHO, M.B.** *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. RJ: Edições Melhoramentos.
- NADAI, Elza & NEVES, Joana.** *História do Brasil: da colônia à República*. São Paulo: Saraiva, 1988.
- MELO, Joaquim Alberto Cardoso.** *Educação Sanitária, uma visão crítica*. CADERNO CEDES. São Paulo, Cortez / CEDES, n.4, 1985.
- OLIVEIRA, F. O. e WERBA, G. C.** *Representação Social*. In: **STREY, Marlene N.** *Psicologia social Contemporânea: livro-texto*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1998. p.104-117.
- ORLANDI, E. P.** *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP, Pontes, 4ª edição, 2002.
- POLLAK, Michael.** *Memória e Identidade social*. Estudos Históricos, RJ, FGV, v.5, n.10, 1992, p. 200-212.
- SANTOS, Ricardo Augusto.** *O plano de educação higiênica de Belisario Penna: memória social, discurso médico e a construção da identidade nacional*. Dissertação (mestrado) em Memória Social e Documento – UNIRIO, Centro de Ciências Humanas, 2001.
- SILVA, Carlos dos Santos.** *O fracasso do (a) escola(r): questão de ótica – rompendo o ciclo fechado de educação e saúde com a anamnese*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Medicina. Área de concentração: Pediatria, Universidade Federal Fluminense, 1991.
- STREY, Marlene N.** *Psicologia social Contemporânea: livro-texto*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1998.
- TEIXEIRA, Anísio.** *Serviço de Educação de Saúde e Hygiene Escolar*. Extracto de um relatório do Inspector Medico-Escolar, Chefe em Comissão do Serviço. *Boletim de Educação Publica*, Anno II, n. 1 e 2, Jan. /Jun., 1932. Rio de Janeiro, Publicação da Directoria Geral de Instrucção Pública.

**WEHLING**, Arno; **WEHLING**, Maria J. *Memória Social e Documento: Uma abordagem Interdisciplinar*. In: \_\_; \_\_.[et al.], *Memória e História. Fundamentos, Convergências, conflitos*, UNIRIO, RJ, Mestrado Memória e Documento, 1997, p.11-26.

**VALLE**, Lilian, *Memória e Patrimônio: os sentidos que vêm da escola pública*, In: **WEHLING**, Arno; **WEHLING**, Maria J. *Memória Social e Documento: Uma abordagem Interdisciplinar*. UNIRIO, RJ, Mestrado Memória e Documento, 1997, p.81-91.

ANEXO I

SERVIÇO DE EDUCAÇÃO DE SAÚDE E HYGIENE ESCOLAR. REVISTA 2; ANNOII; JULHO - 1932-DEZEMBRO; Nos 3 e 4 BOLETIM DE EDUCAÇÃO PUBLICA; PUBLICAÇÃO DA DIRECTORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PUBLICA (BIBLIOTHECA CENTRAL DE EDUCAÇÃO) RIO DE JANEIRO, D.F. - E. U. DO BRASIL P. 488-490. REFERENCIA: BIBLIOTECA NACIONAL CATALOGO I - 267, 1,25.

#### SERVIÇO DE EDUCAÇÃO DE SAÚDE E HYGIENE ESCOLAR<sup>14</sup>

(Extracto de um relatorio do Inspector Medico-Escolar, chefe em commissão do Serviço).

Cumprindo vossas determinações, apresento o relatorio do Serviço de Educação de Saúde e Hygiene Escolar e junto um quadro demonstrativo dos trabalhos executados no corrente periodo lectivo, de março até fins de agosto deste anno.

Acceitando há mezes passado vosso honroso convite para chefiar o Serviço de Educação de Saúde e Hygiene Escolar, para o qual haveis traçado modernas directrizes, apenas tive o desejo sincero de collaborar com lealdade e dedicação, pondo em pratica, na medida do possivel, um programma, que varios annos de experiencia como inspector medico-escolar, o desejo de acertar e de ser util, aprendendo com povos mais adeantados, e o interesse constante pela causa da infancia me permittiram delinear, gradativamente.

Ao assumir a chefia do Serviço, conhecendo a desoladora percentagem de escolares enfermos, procurei amparar o que já havia sido realizado, no sentido de assistencia, e, em perfeita unidade de vistas com o ex-Director Geral da Assistencia Publica Municipal, Dr. Waldemar Schiller, a cujo encargo ficou a assistencia aos alumnos necessitados, conseguimos que um grande numero de crianças, pertencentes a 14 Districtos Escolares fosse attendido por instituições idoneas, constituindo centros regionaes de tratamento, mantidos com despesas relativamente pequena. E assim ampliou-se até, e com economia, o que possuímos. Bem comprehendida essa orientação, que é mais logica, poderá a Assistencia Publica, em época não muito remota, estender seus beneficios aos restantes districtos escolares, diminuindo deste modo a grande percentagem de alumnos enfermos, e permitindo então o Serviço de Educação de Saúde e Hygiene Escolar occupar-se, de preferencia, da prophylaxia e da educação sanitaria, sua finalidade principal. A renovação do contracto com os preventorios "D. Amelia", em Paquetá, e "Santa Clara", em Campos do Jordão, e o inicio de contracto com o Sanatorio de Nogueira, que será brevemente posto em execução,

<sup>14</sup> Esse texto foi extraído do Boletim de Educação e está escrito rigorosamente de acordo com a forma da época, portanto, pode apresentar erros de grafias, pois naquela época as impressões eram feitas manualmente, dando por isso margem a erros.

constituem ainda serviços inestimaveis prestados á infancia escolar, pela Assistencia Publica, em cooperação com a Instrucção Publica, facilitando para o futuro a nossa tarefa.

Não sendo ainda possivel installar centros de diagnostico, onde os alumnos possam ser examinados com todos os rigores de technica, este Serviço propoz como medida de emergencia, de logo acceita, que alguns professores de escolas municipaes, tambem diplomados em medicina, fossem aproveitados neste ultimo character, devendo prestar serviço affectivo durante tres horas diarias, no minimo, como auxiliares dos inspectores medicos-escolares, principalmente nos districtos que se acham dotados de facilidades de tratamento dos alumnos, afim de que, pelos exames systematicos de grande numero de crianças, fossem em tempo corrigidos os efeitos encontrados. Depois de vencidade a primeira estapa, isto é, depois de fechados cuidadosamente os alumnos, a começar pelos matriculados no primeiro anno, encaminhados para tratamento os que forem necessitados e orientados convenientemente os que o não fôrem, poderão alguns dos alludidos medicos auxiliares, que tiverem dado provas de competencia e dedicação ao trabalho, ser aproveitados em character transitorio, noutras commisões, ficando á disposição dos inspectores medicos-escolares que desejarem realizar estudos e campanhas sanitarias tendo por escopo maior efficiencia do Serviço. Entre essas campanhas, resalta, pela importancia, a da vacinação antidiphtherica dos escolares, obtendo-se previamente o consentimento dos paes.

Corrigidos os defeitos, prevenidas certas infecções, ainda outros problemas de maxima importancia se impõem:

a) Boa nutrição dos alimentos, devendo-se estabelecer as clinicas de nutrição, em intercambio com o Serviço de merendas já existente, e que tem sido ampliado pelo Serviço de Obras Sociaes Escolares, Peri-escolares e Post- escolares, preparando assim melhores alicerces para acção do Serviço de Educação Physica, serviço, ambos embora independentes, intimamente relacionados com o nosso.

b) Creação de mais escolas ao ar livre e de campos de recreios organizados para crianças.

Já se encontra em obras, como melhor sabeis, o predio Cicerotama na Av. Atlantica, doado para a installação de uma escola ao ar livre e que, embora, em rigor, não seja apropriado para tal fim, offerece comtudo algumas vantagens, podendo as crianças permanecerem na praia a maior parte do tempo ou abrigadas em barracas. Esta escola, que poderá ser um mixto de escola ao ar livre e campo de recreio. Poderá também ser frequentada por alumnos de outros districtos, que ahi permanecerão algumas horas, para exercicios,

banhos de sol e mar e alimentação suplementar, providencias essas de inestimavel valor para as crianças desnutridas, ou habitantes em commodos acanhados, sem espaço para jogos e brinquedos. E sem orientação de habitos higienicos. Mais tarde, quando as condições o permittirem, poderá ser ampliada esta escola, e dotada, se possivel, de uma piscina de natação. E a installação, na Tijuca, na chacara já existente, da projectada Colonia de Ferias, ou, melhor, de uma escola ao ar livre, tipo internato, constituirá com as realizações anteriores já expostas, a melhor prophylaxia da tuberculose e das nevroses infantis, numa grande cidade, como o Rio de Janeiro.

Rio, 28 - X - 1932 (a) Massillon de Saboia.

ANEXO II

## DADOS BIOGRAFICOS DO Dr. THEODORICO CÍCERO PENNA<sup>14</sup>

Nasceu em Belém do Pará a 6 de dezembro de 1856, filho de Theodomiro da Silva Penna e Ignez Ferreira Penna. Seu pai era riquíssimo fazendeiro, proprietário de quase toda a ilha de Marajó. Morreu em Londres, deixando sete filhos (quatro mulheres e três homens), entre os quais foi a sua fortuna dividida.

Theodorico Cícero Penna realizou seus estudos primários e secundários em Belém do Pará, formando-se em medicina pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro, para onde se transferiu em caráter definitivo, aqui investindo grande parte de seus bens. Adquiriu muitos imóveis, tornado-se capitalista com muitas propriedades.

Casou-se em primeiras núpcias com D. Arcelina Teixeira Ferreira Penna, com teve dez filhos.<sup>15</sup>

Tendo ficado viúvo, casou-se com a irmã de sua esposa, D. Francisca Teixeira Penna, com ela teve três filhos. Educou os filhos, como então era moda, em diversos países da Europa, principalmente Inglaterra, França, Suíça, Itália, Portugal.

Faleceu no Rio de Janeiro, a 6 de dezembro de 1920 (dia do seu natalício), deixando imensa fortuna, da qual fez numerosas doações a instituições de caridade ou para fins sociais. Dentre estas se destacavam uma chácara na Ilha de Paquetá, doada a uma instituição para cegos, numerosas casas aqui no Rio de Janeiro e no Pará, para instituições diversas e o Palacete da Av. Atlântica n ° 450 (antigo) atual 1976, à Prefeitura do Distrito Federal para que se instalasse, constituindo disposição testamentária, um Jardim de Infância.

Como médico, preocupava-se muito com os problemas relativos à infância, que então, era pouco assistida.

O Jardim de Infância Cícero Penna é assim prova de seu desprendimento e também, de amor à infância, exemplo que se torna cada vez mais raro em nossos dias.

Escola fundada em 31.08.65.

---

<sup>14</sup> Esse documento foi encontrado na Escola Municipal Doutor Cícero Penna e era a única informação que possuíam.

<sup>15</sup> Na verdade, com D. Arcelina ele teve seis filhos e com D. Francisca quatro filhos, senão um total de dez.



ANEXOS III

## ENTREVISTA COM DOUTOR MILTON PENNA SOBRE A FAMILIA PENNA

Nessa entrevista não tive a preocupação de formular perguntas, ela ocorreu informalmente, numa conversa descontraída. Sendo assim, a continuação vou reproduzir o depoimento do Doutor Milton Penna, realizado em 05/07/2002.

“O Departamento de Saúde e Higiene Escolar, criado em 1916, era uma área especializada e abrangia dois aspectos (o aspecto médico-escolar e o aspecto odontológico). Isso funcionou dentro das escolas e embora fosse um serviço de saúde era estritamente ligada a Secretaria de Educação. O primeiro diretor de saúde escolar foi o doutor Massillon Sabóia que fez curso na Alemanha, se preocupou muito com a saúde do escolar e criou o solário que freqüentei na infância, porque o doutor Sabóia era meu pediatra e solicitou ao meu pai que fizesse o tratamento nesse local.

O solário era o local onde se fazia tratamento de algumas enfermidades e nessa ocasião eu estava com três anos de idade e havia tido crise de sarampo depois catapora, coqueluche etc. Lembro que para chegar ao solário tinha que pegar o bonde que saia da praça General Osório com destino ao Leblon e havia também uma outra linha que saia de Ipanema ao Leblon, mas esse era circular e saia da praça Vinte de Novembro, nas proximidades do canal da Lagoa Rodrigo de Freitas. O bonde só podia trafegar quando a luz estivesse verde, o que significava que estava seguindo em direção ao Leblon e quando voltava para a praça General Osório a luz ficava vermelha e para viajar nele se pagava cem contos de reis.

No solário quando chegávamos havia uma enfermeira, alemã, esperando para passar óleo de coco no nosso corpo. Esse óleo era da banha do coco e funcionava como filtro solar para evitar a queimadura e tinha a função de evitar também o que conhecemos hoje como câncer de pele. Logo depois que passávamos o óleo, ficávamos expostos ao sol e íamos para uma piscina com a supervisão do Dr. Sabóia onde aprendíamos a nadar, após a piscina era oferecido um lanche e em seguida descansávamos, perto do meio dia as mães vinham buscar as crianças e as levavam para casa.

Agora veja que fato curioso o Dr. Sabóia, que era amigo do vovô Cícero, juntamente com Dr. Martarino Gestera e Martin da Rocha foram os meus primeiros médicos, ou melhor, os primeiros a me tratar. O Doutor Martarino Gestera foi meu primeiro professor de pediatria, quando comecei a fazer pediatria ele morreu e foi sucedido por Dr. Martin da Rocha. Então, devido à morte do Gestera se inaugurou o Instituto de Policultura, com o nome de Martarino Gestera, sendo a primeira unidade a ser criada na cidade universitária no fundão.

O vovô Theodorico Cícero Penna foi médico, fazendeiro, empreendedor e empresário. Na sua fazenda na Ilha de Marajó criou búfalos e na Amazônia explorava borracha, sendo desta última a maior parte dos seus lucros. Ele foi uma pessoa muito ativa, só aqui no Rio de Janeiro tinha dezoito fazendas e foi também preservacionista, conseguindo isolar um trecho de Copacabana que hoje é chamado de chacrinha. Até o momento em que o prefeito Marcelo Alencar assumiu a prefeitura, esse trecho era abandonado. Com sua posse, o Marcelo Alencar era meu amigo, eu juntamente com a Associação de Moradores da chamada Amaverde<sup>17</sup>, pedi para ser feito o tombamento daquele local, porque ali é o último resquício da fauna e flora da Copacabana primitiva, onde a eugenia copacabanense, que era as pitangas silvestres autotias, do qual levei um exemplar para o Jardim Botânico, que hoje estão plantadas ali para permitir que não fosse extinta. Esse local chama-se chacrinha, que fica por trás da praça Cardeal Arcoverde, ali resiste o último resquício da antiga lagoa de água doce da antiga Copacabana, que se chamava sacopenapam, que em tupi guarani quer dizer recreio dos socós e estes que haviam sido extintos naquela ocasião pela caça desenfreada, agora começam aparecer na região.

A lagoa Rodrigo de Freitas, para os índios, também tinha o mesmo nome – sacopenapam - e recebeu esse nome de um genro<sup>18</sup> de Salvador Correia de Sá Benevides que, por sua vez foi filho de Estácio de Sá.

Lembro me que até 1972 havia no Jardim Botânico uma palmeira de 37 metros de altura, que foi morta por um raio. Esse exemplar foi plantado por D. João, quando ainda era príncipe regente, no horto real que deu origem ao Jardim Botânico, era chamada de Palmeira Imperial e veio das Ilhas Maurício. Meu primo, Leonam de Azevedo Penna, que na data em que essa palmeira morreu, era diretor do jardim botânico, plantou a palma filha que deu origem a todas as palmeiras imperiais existentes no Brasil. A semente dessa planta é muito pequena e eu ainda tenho uma dessas sementes comigo, pois fiz também um curso de botânica. Nessa época trabalhei com os professores Milanês, Geraldo Porto (diretor do museu botânico), Emilio Mero (que foi um grande botânico) e Francisco Ferreira Lemon que nasceu e morreu no Mendanha em Campo grande, tendo sido criado por um tio que era padre e foi diretor do Museu Nacional e diretor também do Jardim Botânico. Atualmente trabalho como presidente do Instituto Campinense de Cultura, que abrange dezoito faculdades, e em uma de suas cadeiras leva o nome de Francisco Ferreira Lemon que é patrono, da qual quem ocupa o

<sup>17</sup> Era uma associação de moradores da praça Cardeal Arco Verde onde hoje há uma estação do metrô.

<sup>18</sup> A lagoa recebeu o nome do genro, que era casado com filha de Benevides, pelo fato ter ficado tomando conta daquela área de restinga, onde compreendia o Rio dos Macacos, o Horto Florestal e o Jardim Botânico.

cargo hoje é a professora Leda Lucia Barbosa Magno de Carvalho (tesoureira desse instituto) e o orador oficial da Universidade é o reitor Moacir Sereder Bastos (professor Moacir Bastos).

O vovô casou-se duas vezes; seu primeiro casamento foi com vovó Arcelina que morreu de parto; o segundo casamento foi com vovó Francisca, que era irmã de sua primeira esposa. Essa historia é muito interessante. Vovô Cícero foi visitar a família Ferreira para pedir em casamento a vovó Francisca, que era a filha mais velha dessa família, naquela época os casamentos eram arranjados pelo pai, e acabou se apaixonando pela mais moça vovó D.Arcelina. Casaram-se, e ela por sua vez morreu de parto aos vinte seis anos do sexto filho. Vovô então resolveu reiniciar sua história, mandou buscar a vovó Chiquinha, que eu conheci, com quem deveria ter se casado desde o início. O vovô teve ao todo dez filhos, seis do primeiro casamento e quatro do segundo. Todos os filhos tiveram uma educação refinada, pois como exportava borracha para Europa e recebia em moeda européia, que valia muito naquela época, ficava mais em conta educar os filhos fora do Brasil. Mamãe, por exemplo, falava nove línguas e tocava piano, violino e bandolim. Por ter sido a última filha do primeiro casamento, vovô tinha muito apego por ela. O vovô então queria que mamãe fosse freira, mas aconteceu um conto de fada. Ela teve um problema na garganta e vovô mandou chamar papai<sup>19</sup>, que era otorrinolaringologista, para operá-la, nessa ocasião mamãe tinha treze anos. Ele a operou e cada um seguiu seu caminho e nunca mais se viram. Depois de muitos anos, papai volta da Alemanha, a encontra e comenta:

— Então é essa moça que naquela época era uma criança.

Mamãe tinha se tornado uma moça muito bonita, os dois se apaixonaram e se casaram, ela com vinte quatro anos e ele com quarenta e dois. Tiveram quatro filhos, sendo que o filho mais velho é almirante; com dois anos de diferença nasceu minha irmã que é química, cinco anos depois eu nasci e por último minha irmã Regina. Papai construiu uma casa em Ipanema que, na época, também era um areal, sendo o primeiro médico desse bairro. Vovô se tornou tão amigo de seu genro que acabou morrendo na casa em que morávamos. O vovô morreu de câncer no estômago e, até o final de sua vida, mamãe e papai cuidaram dele com muito carinho.

---

<sup>19</sup> Fez curso de medicina e em seguida foi estudar na Alemanha, na faculdade de Berlim. Naquele tempo era comum as pessoas seguirem seus estudos na Alemanha, e nessa faculdade inclusive se tornou professor.

Vovô foi clínico geral, naquela época era assim generalista e como era o único médico de Copacabana, ele cuidava de todas as especialidades. Por ser muito rico atendia toda a alta sociedade da época. Era um homem de salão, gostava de festa, chegou a patrocinar a vinda de Henrique Caruso ao Rio de Janeiro para cantar no Teatro Municipal. Ele era, assim, uma pessoa ligada a festas e muito rigoroso com os filhos. Há um episódio, que nós sempre comentamos em família, que se refere a um dos irmãos de mamãe, o tio Odenir. Assim como a mamãe, ele teve também uma excelente educação, quando retornou da Europa não queria trabalhar, porque tinha o pai rico. Vovô Cícero chamou-o e disse:

— Olha, meu filho, eu vou cortar sua mesada e não vou lhe dar mais nada até que você me prove que está trabalhando. O tio Odenir, que era topetudo, respondeu:

— Posso trabalhar em qualquer coisa?

— Pode, o que eu quero é que você aprenda a trabalhar, mas viver as minhas custas pro resto da vida é que você não vai, o que eu tinha para dar de educação, já dei a você o suficiente.

O tio Odenir casou-se com Tia Dulce e teve dois filhos, Aparecida Penna que se casou com o Comide, que era diplomata e foi seqüestrado no Uruguai, tendo lutado pela libertação do marido e depois disso ele se tornou cônsul no Canadá. E o outro filho foi o Aluisio Penna que é jesuíta, acadêmico da PUC, foi diretor do Colégio Santo Inácio, diretor do Colégio São Luiz Gonzaga e hoje é bispo de Sorocaba e presidente da Pastoral da Criança com a Dr<sup>a</sup> Zilda Arns. Eu tenho inclusive um retrato com ela, pois era muito amigo do Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns que, junto comigo, iniciou toda uma luta num tempo em que havia autoritarismo. E, nesse mesmo período de ditadura, papai tratava do Ernesto Geisel e eu trabalhava com Albert Sabin, que foi quem criou a vacina contra a paralisia infantil (a gotinha), no posto de diretor de saúde e higiene escolar. O departamento de saúde e higiene escolar funcionava naquele edifício que pegou fogo: Andorinhas na rua Almirante Barroso – 81, no décimo andar. A minha auxiliar era D. Heloisa Duque de Abrantes que também era secretária da condessa Imperial de Carneiro (D. Malvina Dulce de Abrantes) que era dona do Jornal do Brasil. Como era de costume, o doutor Albert Sabin me visitava e acabei apresentando D. Heloisa, os dois se olharam e se sentiram atraídos e decidiram se casar. Mas, em uma destas visitas que me fez acabei comentando que precisava se dar uma atenção especial à Baixada Fluminense (sempre trabalhei com comunidades carentes, gratuitamente), porque essa região era o maior foco de paralisia infantil do mundo. O Dr. Sabin respondia

não ser isso que constava das estatísticas oficiais, elas diziam que na Baixada não tinha paralisia infantil. Eu disse:

— Dr. Sabin o que acontece o seguinte, ali existe 217 favelas, os médicos e agentes de saúde têm medo de entrar nas favelas, então preferem dizer que não tem paralisia para não serem obrigados a entrar em favelas.

— Dr. Milton, o senhor pode me provar isso.

— Posso.

Fomos juntos visitar as 217 favelas da Baixada Fluminense, passamos uma semana visitando as favelas, ele constatou que era realmente o maior foco de poliomielite e chegou à conclusão de que as estatísticas estavam erradas.

— Dr. Milton, o senhor teria coragem de dizer isso ao presidente.

— Conheço o presidente, porque papai cuida dele e da filha (D. Amalha).

Fomos ao presidente e o Dr. Sabin se dirigiu a ele afirmando que havia estado comigo na baixada e que realmente tinha o maior foco de poliomielite do mundo e que as estatísticas eram falsas. Os médicos dizem que lá não há paralisia para não entrarem em favelas, pois eles têm medo. O Presidente respondeu da seguinte maneira:

— Eu não podia ser enganado. E chamou o chefe de seu gabinete, João Batista de Oliveira Figueiredo, que olhou para mim e disse.

— Isso é uma inverdade, porque as estatísticas oficiais estão todas certas.

O Ernesto Geisel era luterano e muito rígido, respondeu a essa questão dizendo acreditar nos seus auxiliares e afirmou que nós estávamos sendo enganados. Eu retruquei que vimos isso pessoalmente. O João Figueiredo olhou para o nosso rosto, falando que podia provar que não havia paralisia, mostrando apenas um jornal com o artigo que dizia não ter paralisia infantil na Baixada.

Albert Sabin ficou zangado, foi para o Recife e deu uma entrevista para noventa e três correspondentes estrangeiros que não fossem censurados, porque aqui havia censura e não podia dizer nada. Então, o mundo todo ficou sabendo que no Brasil havia um grande foco de paralisia e que o governo falsificava as estatísticas. Geisel mandou João Figueiredo levar uma carta a Albert Sabin, onde estava escrito o seguinte conteúdo:

*A partir desse momento o senhor é considerado persona não grata no Brasil e tem 48 (quarenta e oito horas) para se retirar do país.*

Quando essa informação chegou aos meus ouvidos fiquei indignado; fui até o presidente e comentei que ele deveria me prender senão pediria demissão de todos os cargos

que possuía, inclusive de professor da Universidade, porque fui eu quem mostrou a ele a realidade precária das crianças que estavam morrendo por falta de vacinação, isso estava errado, até me propus a vaciná-las. Mas Geisel era irredutível e afirmava a todo custo que as estatísticas estavam certas e que o Dr. Sabin estava enganado. Como um homem que entende de poliomielite e ganhou o prêmio Nobel de medicina por ter descoberto a vacina Sabin pode estar enganado? Seu comentário foi taxativo:

— Ele está querendo desmoralizar o Brasil, dando aquele depoimento sobre o nosso regime militar.

— É isso mesmo, ele não gosta de militar e não sei porque está fazendo isso, esse judeu sem vergonha. Disse João Figueiredo, entrando na conversa.

Então fui sem lenço e sem documento para a Baixada Fluminense e comecei a organizar dentro das favelas (tenho inclusive as fotografias da época e entrevistas que dei ao jornal Correio Fluminense) turmas preparatórias da vacinação sem um tostão de verba do governo. Eles não estavam dispostos a fornecer nada e resolvi, então, fazer um acordo com os chefes dos postos de saúde, mostrando a eles que poderiam se tornar, se quisessem, estatisticamente os maiores vacinadores do Brasil, que isso do ponto de vista científico era renome para eles e ficaram interessados desejando saber o que precisavam fazer, simplesmente fornecer materiais imunológicos e as carteiras de saúde oficiais de vacinação que dava as estatísticas das vacinas. Eu disse:

— Deixa comigo que eu vacino esse pessoal, fotografo e dou a prova. Nisso formei meninas entre 15 e 18 anos, que ao invés de se prostituírem passaram a ter uma profissão. De 1978 a 1984, formei 20.854 enfermeirinhas e vacinamos nos quatro municípios da Baixada Fluminense: Duque de Caxias, São João de Meriti, Nilópolis e Nova Iguaçu e em quatro anos foi possível vacinar 6.873.942 crianças entre 0 e 6 anos de idade, exterminando a paralisia. Isso teve repercussão internacional e a Organização Mundial de Saúde reconheceu o esforço fornecendo medalha de ouro ao papa naquele congresso eucarístico de 1980, a mim, e a Dom Paulo Evaristo Arns que transmitiu à irmã dele o programa que eu fiz do projeto voluntariado. Daí, então, se criou a pastoral da infância, que é justamente para dar assistência às crianças em termos de saúde e higiene, nas favelas. Essas meninas, que antes apenas se prostituíam, hoje em dia ocupam a metade dos hospitais, postos de saúde, consultórios e ambulatórios da Baixada Fluminense. Porque consegui, através da via judicial, que o Ministério da Saúde abrisse concurso, (exame de suficiência) para o cargo de auxiliar de enfermagem, onde a exigência era o primeiro grau e técnico de enfermagem para a qual o

candidato deveria ter o segundo grau. Essas 20.853 pessoas fizeram a prova, passaram e se tornaram oficialmente auxiliares de enfermagem e técnicos de enfermagem, comprometidas em fazer visitas aos hospitais, postos de saúde e favelas. Mas o que eu considero mais importante, do ponto de vista sociológico, é que essas mesmas enfermeiras disseram haver nas favelas um monte de marginais que não têm oportunidade e nem documento. Uma delas trouxe seu irmão. Era um rapaz que havia matado 68 pessoas e tinha arranjado mulher e filho, por isso queria se regenerar, mas se ele fosse na polícia seria preso, bateriam nele e não adiantaria nada. Decidi procurar o juiz de Duque de Caxias Dr. Liborne Ciqueira, que hoje é desembargador, para explicar a situação e saber se haveria possibilidade de se conseguir uma autorização para registrar pessoas que haviam cometido deslizos e não tinham documentos, mas queriam se inserir na sociedade e desejavam constituir família e para isso precisavam ter um emprego firme. O juiz autorizou o registro de nascimento gratuitamente, mas o complemento (carteira de trabalho, CIC e RG) ficou a cargo deles. Em resumo, isso tudo foi conseguido e eu criei o projeto do voluntariado que hoje está se repetindo anualmente nas vacinações no Brasil e se espalhando para o Nordeste, Pantanal e Amazonas. Conseguimos erradicar a paralisia infantil sem o governo ter dado um centavo, a não ser com material imunológico. Tenho as fotografias da nossa atuação na favela de Vigário Geral, onde houve a chacina, nas fotos mostramos as caixas fechadas dos medicamentos e dávamos os remédios além de tratar, pois eles não tinham condição de comprar.

Chamei uma pessoa que tinha influência na Baixada Fluminense, mas nunca havia lutado assim pela vida, que era o Tenório Cavalcante, não sei se você já ouviu falar a metralhadora da Lurdinha ou o homem da capa preta. Perguntei a ele se não tinha vontade de mudar de idéia e passar a ajudar as pessoas que queriam se inserir na sociedade. Ele tinha quatro filhas adotivas, uma delas (a Sandra) era casada com Idequiel Freitas, prefeito de Caxias, uma outra era casada com Gonçalves de oliveira, que era o presidente da Associação Comercial e Industrial de Duque de Caxias. Reuni os empresários e disse se eles não estariam dispostos a seguir um risco calculado, dar uma chance a pessoas que tinha errado na vida, mas que agora queriam se reabilitar, já havia conseguido com o juiz que eles pudessem tirar os documentos, agora eles precisam de uma oportunidade, pois bem eles concordaram. O Tenório ficou sendo o patrono de algumas turmas que estavam se formando em vacinação e enfermagem. Nós dávamos aulas embaixo de mangueira, capelas abandonadas, dentro de templos evangélicos, templos católicos, lojas maçônicas, câmara de vereadores. Em resumo, houve chance para essa gente voltar a se empregar, pois nunca tinham sido empregados e



queriam se regenerar. Dois anos depois, em 1980, reuni novamente os empresários para fazer uma avaliação de como estavam se portando os 19.979 ex-marginais. Os empresários estavam satisfeitos, pois eram os mais pontuais, mais assíduos, os melhores funcionários e alguns tinham até se tornado gerentes. Eles só queriam ter uma chance de estarem inseridos na sociedade. Agora, nenhum deles pretende voltar à vida que tinham anteriormente. Nessa época, na Alemanha, se publicou a entrevista que dei sobre esse assunto num jornal aqui na Baixada, o Correio Fluminense, intitulado “mais um profissional, menos um marginal”, que do ponto de vista jurídico foi uma grande oportunidade deles se inserirem na sociedade e que souberam aproveitar não havendo problema para isso. O que adianta botar na cadeia, se nós que não cometemos crime nenhum acabamos por sustentá-los (dando casa e comida), e aumentando a sua revolta. A cadeia, do jeito que está, é mais uma escola de crime, onde esses sujeitos fazem mestrado e doutorado. Eles fazem tese do tráfico e da violência. O resultado foi curioso, lembra numa ocasião em que votaram no macaco Tião, pois bem nunca fui candidato à coisa nenhuma, mas em 1982, sem ser candidato tive para deputado federal na baixada um total de 39.972 votos. As pessoas disseram que votaram em mim mesmo sabendo que não valia, mas isso era para anular o voto, pois queriam mostrar para os outros candidatos, que não fazem nada, só aparecem de quatro em quatro anos, que eu pelo menos trabalho com eles e estou fazendo alguma coisa.

O Vovô Cícero construiu o Cicerotama em 1912, que custou 96 contos de reis. Cicerotama quer dizer em tupi guarani casa de Cícero, porque na casa tinham duas escadarias de subida que formavam um “C” e, na parte de cima, como era costume da época ficavam os donos (os pais), os filhos moravam embaixo para não rolar as escadas. Não havia muros na casa, então as carruagens entravam e deixavam as pessoas na escadaria. No foyer, certa vez, cantou Caruso, fazendo um recital. A mansão quando foi construída, a rua lateral chamava-se 19 de fevereiro, atualmente República do Peru, a sua frente na Avenida Atlântica. Quando fui diretor do Departamento de Saúde e Higiene Escolar, briguei com Carlos Lacerda, que em dezembro aproveitando as férias escolares, destruiu o palacete e construiu essa casa e o pior não ia nem colocar o nome de Escola Municipal Doutor Cícero Penna e tivemos que entrar com uma ação. Essa foi uma das muitas ações solicitadas pela família, porque logo após a doação da casa, alugaram o palacete para a embaixada de Cuba se apropriando do aluguel e depois tentaram utilizar a casa como local de tratamento para crianças doentes e não era esse o objetivo de vovô quando fez a doação.

Muitos anos depois, onde é hoje o teatro Gláucio Gil, na praça Cardeal Arco Verde, foi uma escola primaria e que se transformou depois num museu da cidade, na qual uma prima irmã minha Gilda Fontinelle era diretora junto com o doutor Augusto Amaral Peixoto (Pai do Almirante Renane Amaral Peixoto) que se casou com a filha do Getulio Vargas, ali era museu da cidade sendo transferido para o parque da cidade na Gávea. O museu começou na escola Ouro Preto que ficava localizado na rua Almerinda quando eu era pequenino e devido à influência da Gilda passei a gostar muito de história natural, me correspondia inclusive com Vital Brasil e Flávio da Fonseca que eram diretores do Instituto Butantã. Certa vez, eu disse a ele que gostaria de ser cientista, nesse tempo não existia ainda uma escola para cientista no Brasil.

No meu tempo, o ensino fundamental era concluído em 13 anos; 5 anos de primário; 1 ano de admissão; 5 anos de ginásial e depois 2 anos de complementar. Então, eu ajudava os pescadores puxar os arrastões que eram retirados todos os dias duas vezes ao dia, de manhã cedo e à tardinha, enquanto eles ficavam com os peixes eu pegava estrelas do mar, ouriço do mar e aquela fauna e flora de Copacabana e Ipanema e taxidermizava, com orientação da minha irmã que morava conosco Gilda Fontinelle, filha do vital Fontenelle que tinha morrido de tuberculose quando cônsul do Brasil na Ilha da Madeira. Isso tudo foi doado para o museu da cidade. Nesse museu, as irmãs Lina e Estibe que eram diretoras, até tenho que saber que fim levou a fauna e flora primitiva de Copacabana e Ipanema.

Eu nasci no dia 27 de março de 1927, dois meses antes de mim nasceu o maior amigo que tive em toda a minha infância e foi meu grande companheiro, Antonio Carlos Jobim. Nós tínhamos a mesma idade e namorávamos as mesmas meninas de Ipanema, íamos juntos a praia, ele me ajudava a coletar a fauna e flora primitiva de Copacabana, que vinha nos arrastões dos pescadores.

Existiam varias colônias de pescadores: duas ali na lagoa Rodrigo de Freitas, uma perto do canal da lagoa Rodrigo de Freitas, chamada praia do Pinto, uma no Arpoador, uma no posto 8, que era em frente á Farne de Amoedo e outra no Leblon, eu e Tom corríamos de uma para outra a fim de colher o material para taxidermizar; preparava aranhas do mar, estrelas do mar, renilhas, águas-viva, caravelas; tudo isso eu colocava dentro de uma solução especial a 2 % de formol, que acredito está preservado no museu da cidade, já procurei e não encontrei, inclusive, também tem uma coleção de minerais que foi doado para o museu da cidade.

Voltando ao que interessa, íamos (eu e Tom Jobim) de manhã cedo à praia e logo em seguida para o colégio e nos alternávamos o namoro com as meninas. Começávamos a namorar uma menina e depois de propósito brigávamos com elas para fazer a troca, assim passamos nossa adolescência em Ipanema. Fizemos amizade com Vinicius de Moraes, que morava na rua Montenegro. Com sua morte, essa rua passou a ter o seu nome. Tom nessa época, já gostava de musica. Nós vínhamos pela rua cantando e tocando violão, até chegar na rua nascimento silva-81, onde eu morava; sempre íamos para os bares no fim de semana com algumas meninas para cantar em algum aniversário. Em alguns bares, naquela época, os homens usavam smok e summer, e as mulheres trajavam aqueles vestidos, “tomara que caia”, cheios de babados e com uma porção de anáguas. Não havia edifícios era tudo casa de dois andares e os únicos estabelecimentos daquela época eram: a papelaria chamada casa Zumari, na rua Visconde de Pirajá, e uma padaria na esquina da rua Farme de Amoedo com Barão da Torre chamada padaria Bragança. O padeiro entregava o leite e o pão, então a única peraltice que nós fazíamos era pegar as garrafas de leite, porque vínhamos das festinhas com fome, bebíamos o leite e comíamos o pão. No dia seguinte, nossas mães recolocavam no lugar o que havíamos pegado. Tivemos uma infância muito sadia, indo à praia, praticando esportes e a mesma coisa aconteceu com os filhos do vovô Cícero, que quando não estavam na Europa passavam as férias aqui se distraíndo na praia ou dando alimentos aos socós que ficavam no que é hoje a chacinha na Praça Cardeal Arco Verde.

Se você tiver curiosidade, o primeiro portão do Jardim Botânico quando entramos, não é o portão principal, é um antes em frente ao antigo Instituto de Química Agrícola, ali existe plantada essa pitanga autotia de Copacabana que é a eugenia copacabanense. Tem até uma placa com esse nome, que eu levei para o museu com a finalidade de salvar essas pitangas. Elas eram a delícia da família imperial. Em 1858, encalharam três baleias na praia de Copacabana, então o imperador D.Pedro II com a Imperatriz Teresa Cristina e as princesas Isabel e Leopoldina foram lá para poderem assistir essa cena, seguiram de charrete pela rua General Polidoro, ainda não tinha recebido o nome de General Osório, indo por cima do Leme. Não tinha túnel naquela época, chegando na praia resolveram fazer um piquenique, viram as pitangas, as comeram e levaram algumas para o palácio. Duas dessas pitangas estão ainda hoje no jardim das princesas na quinta da Boa Vista, tendo sido plantadas pela princesa Isabel. Toda a orla de Copacabana era coberta por essas pitangueiras. Anteriormente, eu disse a você que Copacabana se chamava “sacopenapam”, que e o recreio dos socós, mas para que você possa entender o por quê desse nome preciso contar-lhe uma história. Na Bolívia, existe

um lago chamado Titicaca que é uma península, essa península tem o nome Kichua que quer dizer Copacabana e que por sua vez significa a virgem do horizonte azul. Um bispo brasileiro, chamado D. Basio de Alarcão, foi à Bolívia para pedir ao índio Francisco Yupanki fazer uma imagem de Nossa Senhora de Copacabana. O índio fez três imagens, a que o bispo mais gostou foi a imagem de uma santa com feições incas e em 11 de fevereiro de 1511, isso onze anos depois do Brasil descoberto. Essa imagem foi trazida por D. Basio em um veleiro, chegando na altura do posto seis sobreveio uma tempestade. D. Basio pediu a Nossa Senhora que se o veleiro não afundasse ergueria uma pequena ermida, onde é hoje o forte de Copacabana e faria uma capela em homenagem a Nossa Senhora de Copacabana, como por milagre o mar amainou. Alarcão se ajoelhou e agradeceu. A igreja durou até 1918 quando foi comprada pelo Exército por 80 contos de reis para fazer o forte de Copacabana e transferiu-se essa igreja para a rua Sezerdelo Correia, junto da Siqueira Campos, nela está a imagem esta até hoje e é a única com feições incas no mundo. E chama-se Copacabana porque era onde os ximus e os incas faziam homenagem ao Deus Sol que era inca, então Francisco Yupanki tentou mostrar, fazendo essa imagem, que ainda predominava o espírito inca. Imagine Copacabana, que hoje em dia tem renome mundial foi tirado de uma pequena península junto ao lago Titicaca.

O Herculano Ferreira Penna era parente do vovô Cícero, foi fundador do museu do Guilde em Belém do Pará, que reúne todo o maior acervo sobre a fauna e flora Amazônica, inclusive se preserva nesse local peixe-boi, tracajás, tartarugas. O Emílio Guilde foi, durante dez anos, diretor do museu, depois que Herculano o fundou. Na ocasião em que se mudou o nome de Herculano Penna para Emílio Guilde, Emilio estava com projeção política, ao invés de manter o nome que tinha, colocou seu nome. Nesse museu, se conta a história dos búfalos da ilha de Marajó, como sendo resultado de um navio que afundou perto da Ilha de Marajó com 37 búfalos vindo do sul da África, porque existe o búfalo asiático também. Depois desse fato o banco da Amazônia deu uma cobertura para se desenvolver a criação de búfalos e o meu bisavô, Theodorico da Silva Penna que está enterrado numa capela toda em mármore de carrara no centro da cidade de Belém, num cemitério que é circundado por todos aqueles edifícios modernos de Belém. Nesse cemitério, desde 1850, ninguém mais pode ser enterrado, porque a sua localização começou a prejudicar o tráfego e como essa localidade começava a se tornar o centro urbano de Belém, construiu-se outro cemitério, como tentativa de evitar a expansão. Então, foi o primeiro a criar búfalos na ilha de Marajó e acabou sendo o dono de praticamente toda a ilha de Marajó. Até hoje, nós temos uma fazenda chamada Meu

Sossego que é justamente de criação de búfalos e o pessoal passava as férias no mosqueiro, que era um balneário, onde ainda hoje existe o pessoal da classe media alta que passa as férias, isso é uma espécie de Recreio dos Bandeirantes e Barra da Tijuca.

O vovô Cícero unia duas aptidões, de um lado era extremamente generoso com os pescadores carentes e cobrava das pessoas que tinham dinheiro. Com os pescadores, dava canoas de presente, redes, fornecia remédios e fazia partos sem cobrar um tostão; das que tinham dinheiro, cobrava, e do dinheiro que adquiriu abriu uma serie de coisas, por exemplo, um preventório contra cegueira em Paquetá, cujo nome era de um membro da Academia Brasileira de Letras. Esse espaço pertencia ao Departamento de Saúde e Higiene Escolar. O nome do preventório era Ataulfo de Paiva. Ele foi solteirão e era muito generoso, benemérito e muito amigo do vovô, por isso, deu esse nome ao preventório.

Um tempo depois, os meus pais foram morar em Botafogo, na rua Martins Ferreira nº 72, onde nasceu a minha irmã Regina. Todo aquele quarteirão, até o primeiro jardim de infância, criado por Hermes da Fonseca, era nosso e chamava-se Vila Pennina, devido a Cícero Penna. Hoje em dia aquilo se transformou num banco da Caixa Econômica e ainda tem as portas com cinco metros com o pé direito, onde ficava a sala de visitas. Lembro que as cadeiras eram cobertas todas de placas de ouro vinte e quatro quilates (Luis XV) e nesse local se recebia visitas; os moveis eram todos franceses, com embutidos de marfim marqueterita francesa, até os berços era assim.

Entrei na faculdade com 14 anos, sendo o mais novo universitário do Brasil, com 18 anos me bacharelei, fiz concurso para professor e fui aprovado. Gostava muito de pesquisar e decidi trabalhar também com Jacques Cousteau, sendo a primeira pessoa a mergulhar em 1946 preparando os equipamentos para a guerra, dos chamados homens rãs. No Departamento de Saúde Escolar passaram nomes como Clementino Fraga, Guerrero de Faria e Lutero Vargas, todos eles foram diretores do departamento; eu fui o décimo terceiro diretor do Departamento de Saúde Escolar. Atualmente, sou membro da Academia Brasileira de Letras, junto com senhor Aimone Carmadella”.

ANEXO IV

FOTO 1 – DOUTOR THEODORICO CICERO PENNA.

FOTO 2 – O PALACETE NO ANO DE 1920.

FOTO 3 – A ESCOLA NA DÉCADA DE 1960.

FOTO 4 – O PRÉDIO ATUALMENTE.









